

## O museu e a Arte: primeiros passos do Curso de Museologia da UNESPAR

The museum and Art: the first steps of the Museology course from UNESPAR

Katiucya Perigo\*

**Resumo:** Selligmann-Silva acredita que a arte tem o papel de inscrever criticamente as violências e os esquecimentos, “anarquizando” a história. Na contemporaneidade, muitos artistas têm atuado também em museus de natureza não artística, intervindo na conscientização da existência de outras narrativas. O estudo menciona duas exposições que problematizam tais questões: “Marcas” (2018), da Fundação Joaquim Nabuco em Recife e “Necrobrasiliiana” (2022), do MUPA (Museu Paranaense). No Paraná, arte e museu também andam alinhados num dos mais recentes cursos de Graduação em Museologia, oferecido por uma universidade pública, a Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Neste relato, procuramos contar a breve história do curso que iniciou em 2019, e reafirmar que a arte trabalha como um agente questionador imprescindível, apresentando narrativas que foram sistematicamente silenciadas ao longo do tempo.

**Palavras-chave:** Arte. Museologia. Universidade. Formação em Museologia. Ensino de Museologia.

**Abstract:** Selligmann-Silva believes that art has the role of critically inscribing both violence and forgetfulness, “anarchifying” history. In contemporary times, many artists have also acted in museums of non-artistic nature, intervening in raising the awareness of the existence of other narratives. The study mentions two exhibitions that problematize such questions: “Marks” (“Marks”, 2018), by the Joaquim Nabuco Foundation in Recife e “Necrobrasiliiana” (2022), by MUPA (Paranaense Museum). In Paraná, art and museum are also aligned in one of the most recent undergraduate courses in Museology offered by a public university, the State University of Paraná (UNESPAR). In this report, we seek to tell the brief history of the course that started in 2019, and to reaffirm that art works as an essential questioning agent, introducing narratives that have been systematically silenced over time.

**Key-words:** Art. Museology. University. Museology Graduation. Museology Education.

### Introdução

“É preciso retomar vínculos,  
conceber pontes, criar atalhos (...)”

Ronaldo Santos Carlos (1959-2022)  
Aluno da primeira turma de Museologia da UNESPAR  
*in memoriam*

---

\* Professora Adjunta de História da Arte da Universidade Estadual do Paraná UNESPAR. Possui graduação em Educação Artística (1999) e mestrado em História (2003) onde realizou a biografia de um artista plástico paranaense. Ambos foram cursados na Universidade Federal do Paraná onde também realizou o doutorado em História (2008). [katiucya@yahoo.com.br](mailto:katiucya@yahoo.com.br)

A arte e o museu sempre estiveram estreitamente conectados. Com frequência, a arte recorreu ao museu, a fim de obter projeção pública, legitimidade. Há inúmeros casos de coleções privadas de arte que foram incorporadas a acervos de museus e de museus que surgiram a partir de coleções de arte. De acordo com Maria C. F. Lourenço, a primeira coleção de arte do Brasil foi montada por dom João VI, com obras trazidas ou produzidas por artistas da Missão Artística Francesa que desembarcou no Brasil em 1816, e fundou, 10 anos depois, a Academia Imperial de Belas Artes. A história do primeiro museu brasileiro de arte, o Museu Nacional de Belas Artes, está ligada à história da Academia (LOURENÇO,1999) Assim, foram articuladas estratégias de controle e promoção de valores da elite, que buscava referência no modelo francês “(...) invadindo diferentes esferas culturais brasileiras em detrimento do local.” (LOURENÇO,1999, p.89).

Atenta a um cenário mais contemporâneo, e, tendo por base os museus de arte no Brasil em fins do século XX, a autora observa que muitos deles foram objeto de estudos acadêmicos e que novos temas de pesquisa mudaram esse quadro, o que contribuiu para contagiar os museus. Essa ação colaborativa tem procurado reverter a evidência de que a cultura brasileira se fixa na memória da produção branca europeia, identificada com países hegemônicos. (LOURENÇO,1999).

Outro movimento, nesse sentido, é o de artistas que têm atuado em museus de natureza não artística, propondo intervenções que visam à conscientização da existência de outras narrativas que foram sistematicamente silenciadas ao longo do tempo. No Paraná, arte e museu caminham lado a lado num dos mais recentes cursos de Graduação em Museologia, oferecido por uma universidade pública, a Universidade Estadual do Paraná (Unespar). Neste relato, procura-se apresentar algumas facetas do curso, cujo funcionamento corresponde ao início da segunda década do século XXI, ambientado, portanto, na conjuntura política extremamente hostil pela qual passa o Brasil.

Além da breve história do curso em questão, o texto, dividido em duas partes, trata da contribuição da arte à área museológica. Num primeiro momento, traçam-se algumas das principais características do curso de Museologia da Unespar. A segunda parte, relata exposições que problematizam questões integrantes do cerne da formação da sociedade brasileira, como o racismo estrutural. Uma, ocorreu em 2018, na Fundação Joaquim Nabuco em Recife, e foi intitulada “Marcas”. Questões desta exposição aparecem noutra ocorrida no Paraná de 2022, a “Necrobrasileira”. Ambas

mostram que a arte é um dispositivo questionador que pode dar visibilidade a narrativas silenciadas, sendo, portanto, parceira indispensável do museu.

## 1. Museologia na Unespar: primeiros passos

Em 2018, Alves mapeou cerca de 17 cursos de Museologia no Brasil. O autor pontuou, que durante muitos anos, só era possível frequentar uma graduação em Museologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO), no Rio de Janeiro (1977) e na Universidade Federal da Bahia (UFBA), na Bahia (1969). (ALVES, 2018). Quando publicou essa pesquisa, ele possivelmente não fazia ideia de que em pouco tempo esse número cresceria. Ao final daquele ano, seriam 18 cursos de Museologia no país. Isso porque surgia o curso de Museologia da Unespar<sup>1</sup>.

Alves verificou que, anos antes, no governo Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2011), haviam sido implantados nove cursos de Museologia no país, no contexto do Reuni<sup>2</sup>. (ALVES, 2018). O curso de Museologia da Unespar é mais recente, recebendo sua primeira turma em 2019. Diferentemente do que ocorreu a outros cursos, que nasceram em instituições federais, no Paraná, a graduação em Museologia surgiu numa universidade estadual. O curso nasceu a partir do desejo de alguns professores de que, junto ao *campus* da Escola de Música e Belas Artes da Universidade Estadual do Paraná (Embap-Unespar), pudesse haver também um curso de Bacharelado em Museologia, que funcionasse na capital do Estado.

De acordo com o primeiro Projeto Político Pedagógico do Curso (PPC), a proposição da graduação se baseou nas políticas nacionais e estaduais para a área museológica, na demanda por profissionais em museologia no estado e na necessidade de construir políticas culturais em âmbito estadual e municipal. (UNESPAR, 2015).

O novo PPC de 2022 rememora que, em 2007, o projeto do curso de Museologia foi enviado à Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SETI), recebendo parecer favorável em 2010. Em seguida, foi encaminhado ao Conselho Estadual de Educação, que o aprovou e o encaminhou à Casa Civil. Em 2011, o referido projeto foi devolvido à Embap/Unespar para a revisão do impacto

---

<sup>1</sup> A Unespar é uma instituição pública mantida pelo Governo do Estado do Paraná, fundada em 2013. É formada por sete campi nas cidades de Apucarana, Campo Mourão, Curitiba, Paranaguá, Paranavaí e União da Vitória. Oferta cursos de graduação e pós-graduação Lato Sensu e Stricto Sensu, contando com mais de 12 mil estudantes (2022), atingindo 150 municípios. Oferta mais de 70 cursos de graduação presencial.

<sup>2</sup> O REUNI foi um programa de apoio a planos de reestruturação e expansão das universidades federais, que teve como principal objetivo ampliar o acesso e a permanência na educação superior.

financeiro, tendo em vista as Secretarias de Planejamento e da Fazenda terem manifestado a inexistência do aporte orçamentário para implantação do curso. Assim, o projeto foi readequado em 2014 em relação ao quadro de funcionários, a fim de viabilizar a implantação do curso, sem ônus para o Estado (UNESPAR, 2022). Esse breve histórico mostra as implicações e a morosidade para que um curso de graduação seja implantado numa universidade pública. Afinal, dez anos se passaram desde a primeira iniciativa, até a concretização da empreitada.

Após a autorização de funcionamento, no final de 2018, pelo governo em exercício, o curso iniciou suas atividades com os professores já existentes e pertencentes ao Centro de Área do Campus, que era o Centro de Artes. Havia no campus, no início do curso de Museologia, dois centros atuantes: Artes e Música. Em 2022, o Centro de Artes incorporou a Museologia à sua nomenclatura e agora é chamado de Centro de Artes e Museologia. Para além da nomenclatura, outra questão importante é que, embora o sistema de educação superior brasileiro esteja sucateado ao extremo, devido à ação dos últimos governos em âmbito federal e estadual, nos primeiros meses de funcionamento contou-se com uma professora museóloga para suprir as demandas das disciplinas do curso. Tal professora, contudo, exerceu suas atividades num regime de contratação de caráter temporário. A partir daí, o esforço foi no sentido de que um museólogo em regime de trabalho de caráter efetivo pudesse atuar. Em 2022, haverá a colação de grau da primeira turma e o curso conta com uma museóloga efetiva e mais três museólogos, de caráter temporário, no corpo docente. No segundo semestre de 2022 está prevista a realização de mais um concurso público para professor efetivo na área.

Ao rememorar esse percurso inicial, não se pode deixar de fazer uma menção nominal à primeira museóloga pertencente ao quadro docente: Luana Damião. Ela viabilizou, junto aos estudantes, um importante evento de extensão que continua a ocorrer, tendo em 2022 sua terceira temporada. O evento é realizado em parceria entre o Campus, o Centro Acadêmico de Museologia da Belas Artes – Unespar (Camba) e a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC) da Unespar. Trata-se da “Semana Acadêmica da Museologia”, que já reuniu grandes profissionais da área para palestras temáticas.

Muitos profissionais da área de museologia precisam batalhar para ocupar seu espaço de direito. No Paraná, em especial, o pouco tempo de experiência junto à área desvendou um cenário preocupante. Embora haja a obrigatoriedade de que todo museu tenha um museólogo responsável em seu quadro de funcionários, a realidade é

bastante diferente. Ainda assim, numa reportagem de 2021, uma liderança na administração pública do Estado faz um aceno importante afirmando que “(...) a formação da primeira turma do Curso de Museologia da Unespar deve impactar positivamente os quadros técnicos dos museus no Paraná.” A museóloga Andrea Forti, que na ocasião da reportagem atuava na coordenação do curso, complementa: “O curso foi criado com o intuito de atender (...) o quadro técnico desses espaços.” Assim, ela espera que as instituições locais se empenhem na contratação dos egressos e que haja um aumento da procura pelo curso. (DAUM, 2021).



Figura 1 – Aula de Introdução à Museologia com a professora Luana Damião, 6 dez. 2019. Embap. Foto: Daiane Assen.

No que diz respeito aos espaços museais, o último levantamento mostra que o Paraná tem cerca de 328 espaços, entre museus, casas de memória, memoriais e outros. Esses espaços foram mapeados com base nos acervos e no público frequentador. 10% dos espaços museológicos brasileiros encontram-se no Paraná, sendo que, cerca de 90 espaços encontram-se na capital, representando 40% do total das instituições do estado (COSEM/SECC, 2010). Segundo levantamentos realizados pela Coordenação do Sistema Estadual de Museus e a Secretaria de Estado de Comunicação e Cultura (COSEM/SECC), esse número de espaços museais está distribuído entre 111 municípios. A Figura 2, produzida pela COSEM/SECC (2010), pontua os museus estaduais de acordo com suas tipologias.

Percebe-se que um terço desses museus possui caráter histórico. Mais de 10% deles, possuem viés artístico. Os museus de arte, imagem e som se concentram majoritariamente na capital.

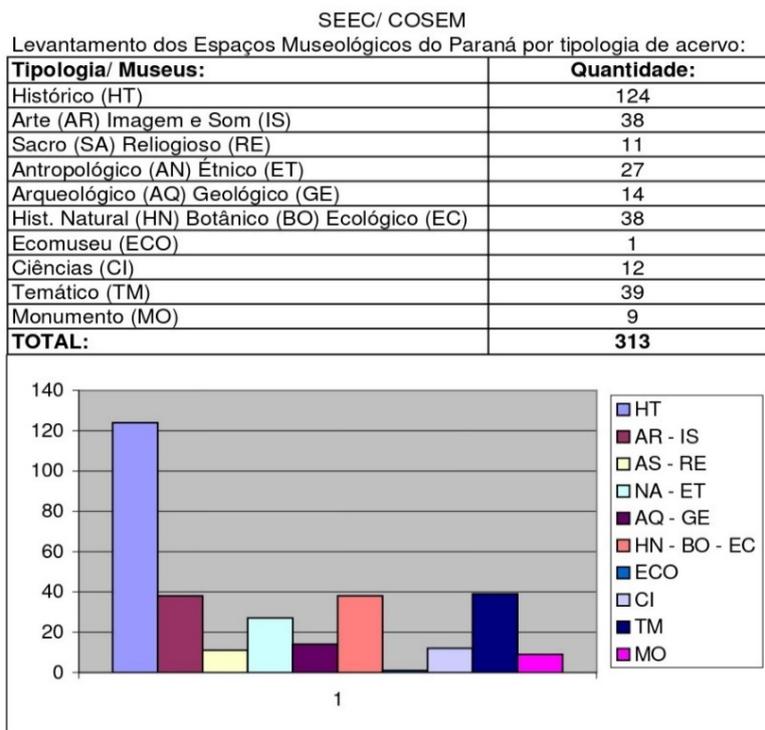


Figura 2 - Gráfico dos museus do Paraná por tipologia. Fonte: Material produzido pela COSEM/SECC, em 2010.

Além dos museus, a capital paranaense conta com diferentes cursos de graduação em arte. A Universidade Federal do Paraná (UFPR) possui graduação na área, os dois *campi* da Unespar, localizados em Curitiba ofertam diferentes cursos de artes. Mesmo antes de serem incorporados à Unespar em 2013, ambos já ofertavam Artes Visuais, Teatro, Dança, Música e Cinema. Além disso, há outras duas universidades particulares que também oferecem cursos na área. A concentração de diferentes graduações de artes junto a outros fatores, leva Curitiba a ocupar um lugar importante no circuito artístico nacional. Na capital, também acontece a Oficina de Música de Curitiba, desde 1983, o Festival de Teatro de Curitiba que acontece desde 1992 e a Bienal de Arte de Curitiba, que já está na sua 14ª edição. Isso só para citar alguns dos eventos que trazem artistas renomados em âmbito nacional e internacional.

Como já dito, somente em Curitiba localiza-se aproximadamente a metade dos museus de arte do estado: Museu de Arte Contemporânea do Paraná; Museu Oscar Niemeyer; Museu de Arte Indígena; Museu Municipal de Arte; Museu de Fotografia Cidade de Curitiba; Museu Casa Alfredo Andersen; Museu de Arte Sacra de Curitiba; Museu da Imagem e do Som; Museu da Gravura cidade de Curitiba; Museu de Arte UFPR; Museu Guido Viaro; Memorial Paranaense; Sala da Memória da Caixa Cultural;

Sala do Artista Popular. A efervescência artística, aliada à necessidade de profissionais da área museológica para atender às demandas desses espaços, é certamente um componente importante na criação do curso de Museologia na localidade, facilitando o cotidiano dos estudantes que outrora precisavam se deslocar para outros estados, a fim de cursar essa graduação.

## 2. Breve histórico do campus

O campus da Embap, já funcionava desde 1948, antes de ser incorporado à Unespar em 2013. Surgiu na década de 1940, por iniciativa de uma burguesia que se imaginava culta e uma intelectualidade europeizada desejava por frequentar salas de concertos e exposições em padrões próximos aos europeus (PROSSER, 2002). Assim, a Embap seguia o mesmo padrão da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, que, por sua vez, tentava replicar as características da Escola de Belas Artes Parisiense. Era, claramente, uma empreitada da elite para garantir a manutenção dos seus valores e a elevação do nível artístico da capital. A fim de atender às aspirações dessa classe, a escola acolhia também jovens que, embora estivessem cursando outros cursos que garantiriam um melhor posicionamento social, cursavam também música ou “belas” artes, a fim de comporem uma “(...) elite intelectual que iria direcionar a sociedade.” (PROSSER, 2002 p.24-7).

O campus conta com um prédio histórico, que desperta debates, localizado no centro da cidade. Isso porque, há mais de uma década, as aulas são ministradas em prédios alugados, devido ao fato do prédio original ter sido desativado por riscos de desabamentos.



Figura 3 – Manifestação, por ocasião do 67º aniversário da EMBAP, Prédio histórico localizado na rua Emiliano Perneta, 179, Curitiba, PR, 2015. Fonte: a autora.

Num documento apresentado pelos graduandos da Museologia em 2020, eles se posicionam sobre o caso numa Audiência Pública. Fazem um breve levantamento histórico a respeito do edifício, apontando para os diferentes usos do espaço, que foi adquirido em 1925 pelo Governo do Estado e que, finalmente, se tornou sede da Embap em 1951. No documento, eles propõem a

(...) abertura de um edital internacional para recebimentos de propostas arquitetônicas de remodelação do edifício para abrigar um museu-escola, cujo tema se mostre pertinente à EMBAP e de acordo com as necessidades de aprendizado dos estudantes e da comunidade, seguindo padrões contemporâneos de sustentabilidade. Propomos também a remodelação do edifício e a recuperação da área verde do terreno através de um projeto paisagístico adequado às características de uma universidade de artes(...) (REPÚDIO, 2020).

A iniciativa mostra que, mal ingressaram no Centro de Artes no campus, os estudantes da área museológica já demonstram um posicionamento firme, comprometido com a instituição. É pena que, por parte do poder público, até 2022 não houve iniciativas que se concretizassem, a fim de que o edifício fosse restaurado e adaptado. Embora, vez ou outra, um projeto ou aceno ocorra nesse sentido, fato é que nada tem havido concretamente.

### **3. A vocação do curso**

Por ter sido criado por professores de artes, atuantes num campus de belas artes, o curso em questão tem, sem sombra de dúvidas, uma vocação artística. Muitas disciplinas oferecidas se relacionam com arte e, de acordo com pesquisa informal realizada a cada início de ano, observa-se que muitos alunos procuraram o curso justamente devido à importância dada à arte, visível por meio das disciplinas ofertadas na grade curricular.

Segundo Alves, a regionalidade é determinante no perfil dos cursos de Museologia Brasil a fora. O quadro a seguir, elaborado com base nos dados levantados por Alves, mostra as áreas em que surgiram algumas graduações em Museologia no país. Tais áreas revelam a ênfase dada aos cursos. (ALVES, 2018, p.44). Certamente, muitos deles resultaram de iniciativas de professores de outras áreas, desejosos por erguer a bandeirada Museologia. É claro que, em alguns deles, sobretudo os mais antigos, a Museologia não resultou de um desdobramento de outros cursos, mas da iniciativa de profissionais da área que trabalharam para que cursos previamente existentes fossem alçados ao patamar de uma graduação.

INSTITUIÇÃO	ANO DA CRIAÇÃO	UNIDADE ACADÊMICA
UFBA	1969	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
UNIRIO	1977	Centro de Ciências Humanas e Sociais\ Escola de Museologia
UFRB	2006	Centro de Artes, Humanidades e Letras
UFPEl	2006	Instituto de Ciências Humanas
UFS	2007	Núcleo de Museologia Campus Laranjeiras
UFRGS	2007	Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
UFOP	2008	Escola de Direito, Turismo e Museologia
UFPE	2008	Centro de Filosofia e Ciências Humanas
UFSC	2009	Centro de Filosofia e Ciências Humanas
UFMG	2009	Escola de Ciência da Informação
UFG	2009	Faculdade de Ciências Sociais
UnB	2009	Faculdade de Ciência da Informação
UFPA	2009	Instituto de Ciências das Artes\Faculdade de Artes visuais e Museologia

Figura 4 – Adaptada de uma tabela elaborada por Aves (2018), relacionando as áreas em que surgiram algumas graduações em Museologia no país, em universidades públicas.  
Fonte: elaborado pela autora, 2022.

De acordo com o quadro, 30 anos depois da criação do curso de Museologia da UNIRIO, surgiu uma nova graduação na área. Entre 2006 e 2009, surgiram 11 graduações em Museologia, em universidades públicas. De um total de 13 graduações, 6 delas vinculam-se a centros, faculdades ou escolas de Ciências Humanas. Note-se que somente a Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB) e a Universidade Federal do Pará (UFP) possuem cursos na área de Museologia vinculados a um Centro de Artes, ou a uma Faculdade de Artes. Assim, haveria cursos com essa ênfase nas regiões norte e nordeste e, somente uma década mais tarde, surgiria outro com esse viés no sul do país.

Para Alves, as pesquisas desenvolvidas em cada universidade do país permitem traçar o perfil da museologia no Brasil, verificado pelo autor, por meio dos temas desenvolvidos nas monografias de conclusão das graduações, tendências, linhas centrais de pesquisa. (ALVES, 2018, p.21). Embora a Unespar, no Paraná, conte apenas com a primeira turma de Museologia a se formar em 2022, apresenta-se aqui um breve levantamento a respeito dos temas e questões que se sobressaem nas

18 pesquisas desses alunos, no intuito de contribuir com a compreensão do cenário museológico e suas especificidades.



Figura 5 – Mapa das 18 pesquisas de conclusão de curso do Bacharelado em Museologia da Unespar, 2022. Fonte: elaborada pela autora, 2022.

Seguindo a tendência apontada por Alves, percebe-se que muitas pesquisas têm um caráter regional, tratando de assuntos, espaços, coleções em âmbito local. Como já pontuado, a arte é um assunto de bastante interesse dos discentes, até pelas questões anteriormente levantadas.

Os temas elencados no gráfico, estão conectados a quatro linhas de pesquisa delineadas pelo curso. A linha de pesquisa **Preservação e Conservação de Bens Culturais** discute a documentação e gestão de acervos, diversos tipos de coleções, trajetórias de coleções privadas, práticas de conservação e técnicas de restauração de bens culturais. A linha de pesquisa **Museologia, Memória e Patrimônio**, analisa os patrimônios arquitetônicos, monumentos, patrimônios paisagísticos, sítios arqueológicos, parques naturais, o patrimônio imaterial, o patrimônio não reconhecido como patrimônio e as cidades-museus. Examina processos de musealização de espaços de violência política, processos e políticas de tombamento, atuação de grupos sociais historicamente marginalizados na construção de seus patrimônios e discursos de memória, além de discussões sobre teoria museológica. A linha de pesquisa **Museologia e Comunicação** foca em projetos e montagens de exposições, diferentes espaços e recursos, narrativas construídas a partir do acervo, outras formas de comunicar do museu, museu enquanto espaço não formal de educação, museu e

escola, diferentes públicos, pesquisas de avaliação e acessibilidade. Por último, a linha de pesquisa **Museologia e Arte** foca nas duas áreas em diálogo com outros campos do saber. Reflete sobre o conhecimento artístico voltado às instituições museológicas e à circulação da arte na sociedade. Estuda produções e processos artísticos, curadoria museológica e artística, diferentes formas de representações e manifestações artístico-culturais em museus e instituições culturais, musealização de objetos e obras artísticas.

#### 4. Museologia e arte

A tendência de unir arte e museologia, frequente nas pesquisas finais da primeira turma de formandos do curso, também é perceptível fora do espaço acadêmico. Há poucos anos, o Museu Paranaense (Mupa), que é um museu de caráter histórico, tem reforçado essa toada ao unir arte e história. Sabe-se que, na maioria das vezes, a administração de espaços culturais no país está ligada ao governo que se encontra naquele momento à frente da administração pública. Assim, o Mupa tem sido administrado nos últimos anos por profissionais simpáticos à arte e ela tem sido um agente catalizador nas exposições veiculadas neste museu. Nesse sentido, a exposição “Necrobrasiliiana” (2022), do curador Moacir dos Anjos, é exemplar.

Antes, porém, de apresentar a “Necrobrasiliiana”, apresentar-se-á brevemente outra iniciativa que uniu arte e história, da qual o mesmo curador participou. É a exposição “Marcas”, de obras do artista Jaime Lauriano (1985), que igualmente se faz presente em “Necrobrasiliiana”.

#### “Marcas”

“Como o museu contempla o presente? Como os acervos históricos brasileiros são construídos? Quais estruturas de poder estão responsáveis pela produção da história?” (MARCAS, 2018). Essas questões permeiam as obras de Lauriano e foram largamente evocadas numa exposição individual de 2018. Para a ocasião, ele teria realizado uma pesquisa minuciosa no acervo do Museu do Homem do Nordeste e do Centro de Documentação e de Estudos da História Brasileira (Cehibra), ambos da Fundação Joaquim Nabuco. Meses depois, foi inaugurada a exposição “Marcas” com as obras do artista, na Galeria Vicente do Rêgo Monteiro da Fundação Joaquim Nabuco/Derby, em Recife, Pernambuco.

Uma das obras lá exibidas, chamava-se “Trabalho”. Nela, o artista tratava de imagens naturalizadas da escravidão que sobrevivem na contemporaneidade, corroborando com a manutenção da cultura racista.

Aqui, reproduções de imagens de pessoas trabalhando em situação de escravização, realizadas por artistas como Jean-Baptiste Debret, encontradas em objetos de uso cotidiano (camisetas, cartões postais, cédulas de dinheiro, porcelana, tapeçarias, etc.) são contrapostas a trechos de depoimentos de casos de racismos estrutural no Brasil. Esses depoimentos relatam como pessoas negras são confundidas com funcionários de locais que eles frequentam (lojas, supermercados, restaurantes, etc.) (...) os objetos foram escolhidos, pois tencionou-se mostrar como a naturalização da imagem (não mais como documento histórico e sim como objeto de uso comum) de negros e negras trabalhando em situação de escravização, resultam, até o tempo presente, no racismo, na segregação e na exclusão de determinados tipos de corpos. (LAURIANO, 2017).

Desconstruindo a visualização habitual de objetos com estampas de cenas do período escravocrata, retirando-os da circulação do cotidiano, isolando-os e dando-lhes um espaço notório no museu, Lauriano subtrai a função que teriam como vestimenta, suporte para alimentação e mesmo a decorativa. Então, ele os oferece ao frequentador do museu para que sua contemplação ocorra ao som de falas racistas, que frequentemente são ouvidas pela população negra no Brasil. O artista reafirma a atualidade do racismo e se contrapõe a afirmações de que o Brasil não é um país racista. Junto às representações do trabalho escravo de séculos atrás, ele demonstra que, ainda no século XXI, não só há frequência de negros e negras em profissões de baixos salários, mas que em shoppings, restaurantes e demais locais de sociabilidade, a população negra continua a ser vista como subalterna, ainda que desempenhe profissões com melhores salários. Assim, o frequentador do museu é levado a questionar seus preconceitos e as limitações de instituições culturais que pretendem moldar uma verdade histórica e o valor artístico. Lauriano traz à tona narrativas silenciadas.

O papel do artista no espaço expositivo da Fundação Joaquim Nabuco e a capacidade de articular o acervo do museu com os problemas do presente, demonstram o quanto a arte tem a contribuir com a área museológica, uma vez que, como forma de conhecimento, ela tem um potencial provocativo de atualizar velhas questões, por vezes adormecidas nos porões de museus. Lauriano mostra como muitos artistas contemporâneos buscam novas formas de representação, problematização, no intuito de modificar as estereotípias, trazendo outros pontos de vista.

O movimento que busca articular diferentes áreas dentro dos museus, mas também o seu inverso, o que resiste a essa articulação e insiste na compartimentalização, é objeto de atenção de museólogos como Ulpiano T. B. de Meneses. O pesquisador enfatiza as implicações da compartimentalização dos saberes, exemplificando com o caso dos acervos do Museu Paulista da Universidade de São Paulo e da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Meneses lembra que, em 1904, transferiram-se telas do Museu Paulista para a Pinacoteca com base em critérios de que num museu de arte, uma tela é um documento plástico, “(...) sem considerar que a construção de uma visualidade integra a realidade histórica.” No museu histórico, nessa perspectiva, seria assinalado apenas o tema da tela, “(...) sem que se considerasse a historicidade da matéria plástica.” (MENESES, 2013, p. 23-4). O autor ainda pontua que o compromisso do objeto é com o presente, assim, ele responde às necessidades do presente, de modo que, em sua opinião, a compartimentalização é problemática. (MENESES, 2013).

### **“Necrobrasiliana”**

A exposição “Necrobrasiliana” (2022) foi realizada em parceria com a Fundação Joaquim Nabuco. Moacir dos Anjos mapeou imagens que tratam do Brasil colonial e do Brasil império e as apresentou como um “(...) inventário da ocupação desigual de corpos que então habitavam o país.” Trouxe um grupo de imagens realizadas por artistas viajantes europeus, que retratavam a localidade na ótica estrangeira. Essas coleções de informações visuais e documentos escritos que tematizam o Brasil, são comumente chamadas de “Brasiliana”. Muitas delas representam a “(...) subordinação forçada de corpos racializados no contexto da colonização europeia na porção de mundo que se tornou Brasil.” (ANJOS, 2022).

O curador manipulou o termo necropolítica do filósofo Achille Mbembe e o adaptou às questões implicadas na exposição, trazendo artistas contemporâneos em diálogo com as representações estrangeiras. Os contemporâneos se incumbiram de desconstruí-las, dentre eles, Jaime Lauriano, também citado na exposição “Marcas”.

Segundo Moacir dos Anjos, lembrar aqueles que sofreram as violências no processo de formação do Brasil, aqueles que são esquecidos e silenciados, seria a função fundamental do historiador, e também do artista. Ele pontua que se trata de uma

(...) função que requer tomar de maneira radicalmente crítica a memória comum e assentada sobre o passado do país, informada por imagens e textos que ignoram e domesticam aquelas brutalidades, além de escamotear ou diminuir as resistências impostas a elas. Uma memória oficial que não é natural ou imutável, mas feita de reminiscências que diante da constante reiteração de abusos contra os mortos e contra os que deles descendem, podem ser atacadas e reconstituídas em bases distintas, memória passível de ser refeita, arrancando a tradição ao conformismo que quer apoderar-se dela. (ANJOS, 2022, p.18).

A realização de “Necrobrasiliana” no Mupa, é apenas uma das iniciativas do museu nesse sentido. Ele é um dos parceiros do curso de Museologia da Unespar, disponibiliza visitas técnicas, estágio remunerado ou obrigatório e ao menos duas pesquisas acadêmicas da área estão sendo realizadas lá em 2022. Contudo, não é possível dizer que há um convênio com ações conjuntas ocorrendo de modo sistemático entre as duas instituições. Ainda assim, devido às ações do museu, ele tem sido palco para inúmeros debates quanto às questões levantadas no início do texto por Lourenço, no sentido de haver uma ação colaborativa entre museologia e arte, que tem procurado reverter a evidência de que a cultura brasileira se fixa na memória da produção branca europeia, identificada com países hegemônicos.

Bruno Brulon atenta para a atuação dos museus, observando serem eles um dispositivo que pode legitimar o ponto de vista hegemônico. Para o autor, uma sala de museu pode ser encarada como um “(...) palco para a encenação de identidades forjadas”, cujo objetivo é construir consenso. Observando as iniciativas da área em seus primórdios, nas colônias e nos países colonizadores, há claramente a estratégia de conformar o discurso civilizatório europeu e, ao mesmo tempo, legitimar o projeto colonial. Uma das estratégias em jogo era a produção de conhecimento sobre aqueles que se desejava dominar. Assim, os museus eram destinados a cumprir nas colônias uma missão civilizatória. O autor observa que a musealização separa a matéria cicatrizada da ferida aberta no momento da colonização. Essa matéria se torna outra, normatiza o presente e apazigua as narrativas concorrentes sobre o passado. (BRULON, 2020).

Para Selligmann-Silva, os arquivos eliminam os que são diferentes do tipo. Dada essa concepção de arquivo, os artistas são aqueles que desejam destruí-los, anarquizar para requelecionar as ruínas e reconstruí-las de forma crítica. Diferente do que muitos de nossos monumentos e arquivos mostram,

Sobretudo em um país sem tradição de inscrição da sua história de violência e acostumado a manter-se no paradigma da história monumentalizante (arquivo oficial), as artes têm um papel

fundamental a desempenhar no trabalho de inscrever criticamente as violências e esquecimentos passados e do presente, anarquivando a história. Elas devem servir de “tiro”, de um projétil cujo estampido deve nos despertar do sono do conformismo e de nossa história que apazigua e nega os conflitos. (SELLIGMANN-SILVA, 2017).

Para Selligmann-Silva, que faz uma breve análise da conjuntura, é imperioso olhar a história do ponto de vista dos vencidos. Isso precisa ser um projeto focado em acabar com o triunfo do neocolonialismo, do negacionismo, da crise ambiental, da homofobia, da misoginia, do racismo, de fobia à política, à democracia e aos direitos humanos. “Se revisionistas neofascistas estão galgando o poder hoje é porque também não soubemos nos aparelhar politicamente com uma história estruturada de modo forte o suficiente para resistir aos ataques. ”Para o autor, a resposta se dá, antes de mais nada, no campo da guerra das imagens. O autor, que traduziu, em 2021, textos de Walter Benjamin, lembra que o pensador, décadas antes, afirmou que estávamos perdendo a batalha. “(...) cabe a nós revertermos este estado de coisas.” (SELLIGMANN-SILVA, 2021).

### **Considerações finais**

Nesses quatro anos de trabalho, houve a familiarização com a área, compreendendo suas especificidades. Há muito que se aprender. Ao mesmo tempo, os anos de experiência na docência em arte mostram que a arte e o museu sempre andaram juntos. Assim, entende-se a atuação na intersecção das duas áreas.

Autores aqui elencados, como Ulpiano de Meneses, Bruno Brulon, Seligman-Silva, Maria Lourenço, que pensam num museu mais democrático, num museu que dê voz a narrativas outras, endossam uma postura com a qual a autora deste estudo compactua. É importante dizer que o ambiente de estudos na intersecção arte e museologia não se difere daquele com o qual se estava habituado, afinal, os bastidores da arte sempre foram nossos maiores interesses. Realizar esforços para compreender como, por que e quem foram os responsáveis para que determinada obra fosse exibida, foram, e continuam a ser, questões constantes.

Ao escrever sobre a direção do Mupa e sua recente tendência de conectar arte e história, não se pode deixar de pensar na colocação de Lourenço, quando esta observa que quanto aos museus no Brasil, em grande parte “(...) não são declarados critérios para designar direções, a não ser entre pares, herança da política de compadrio (...)” (LOURENÇO, 1999 p.38). A autora complementa apontando que se

fica com frequência à mercê de vontades pessoais. As mudanças na administração podem resultar em retrocessos se os substitutos, em caso de ausência de ética, forem incapazes da grandeza de prosseguir projetos antes iniciados. (LOURENÇO, 1999 p.14). Outra observação que chama a atenção, diz respeito aos funcionários do museu, egressos do curso da Unespar que lá atuarão. No Brasil, a cultura é tratada com descaso. Assim, muitos funcionários de museus são verdadeiros guerreiros, trabalhando com dedicação. Lourenço afirma que a compensação material escasseia, de modo que algo assim “(...) só pode ser entendido como extrema paixão, vontade de mudar, idealismo, sonhos e espírito público(...)” (LOURENÇO, 1999, p.36-37).

Não há como saber se o Mupamu dará sua linha de trabalho recente, que congrega história e arte, na mudança de administração. O que nos interessa é que essa parceria entre museologia e arte está acontecendo num âmbito mais estrutural, o da educação, demonstrando que haverá mais iniciativas nessa direção, já que se está investindo na base.

## Referências

- ALVES, Marcos Francisco. *Pesquisa e formação em museologia no Brasil: tendências nos cursos de graduação*. Curitiba: Appris, 2018.
- ANJOS, Moacir dos. *Catálogo da Exposição Necrobrasíliana*. Fundação Joaquim Nabuco e Museo Paranaense. Curitiba-PR, 2022. 31 p.
- BRULON, Bruno. Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para repensar os museus. *Anais do Museu Paulista*, v. 28, p.1-30, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/155323/158906>. Acesso em: 28 jun. 2021.
- COORDENAÇÃO DO SISTEMA ESTADUAL DE MUSEUS. *Mapa do Paraná com as regionais, museus e espaços museais*. PR. Disponível em: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgiclfndmkaj/https://www.comunicacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos\\_restritos/files/documento/2019-07/mapaabr.pdf](chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgiclfndmkaj/https://www.comunicacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2019-07/mapaabr.pdf). Acesso em: 22 out. 2022.
- DAUM, Marina Santos. *Estima-se que setor museológico no Paraná terá melhorias com graduação da Unespar*. 18 mai. 2021. Disponível em: <https://www.unespar.edu.br/noticias-2022/estima-se-que-setor-museologico-no-parana-tera-melhorias-com-graduacao-da-unespar>. Acesso em: 28 jun. 2021.
- Exposição “Marcas” lança olhar sobre os museus e como eles contemplam o presente. 17 set. 2018. Disponível em: <https://antigo.fundaj.gov.br/index.php/area-de-imprensa/2739-exposicao-marcas-lanca-olhar-sobre-os-museus-e-como-eles-contemplam-o-presente> Acesso em: 17 out. 2022.
- Gráfico dos museus do Paraná por tipologia*. Disponível em: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgiclfndmkaj/https://www.comunicacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos\\_restritos/files/documento/2019-07/GM\\_A.pdf](chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgiclfndmkaj/https://www.comunicacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2019-07/GM_A.pdf). Acesso em: 15 ago. 2022.
- LAURIANO, Jaime. *Trabalho*, 2017. Disponível em: <https://pt.jaimelauriano.com/trabalho>. Acesso em: 17 out. 2022.
- LOURENÇO, Maria Cecília França. *Museus acolhem o moderno*. São Paulo: Editora da USP, 1999.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A exposição museológica e o conhecimento histórico. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (org). *Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*. Belo Horizonte, MG: Fino traço, 2013. p. 15-88.

PROSSER, Elisabeth Seraphim. Sociedade, arte e educação: os intelectuais e a criação da Escola de Música e Belas Artes do Paraná. In: I Fórum de Pesquisa científica em Arte. *Anais*. Curitiba: EMBAP, 2002. p.15-34.

*REPÚDIO à proposta de formação de parceria público-privada para elaboração de projeto para restauração e construção de edifício - imóvel rua Emiliano Perneta, 179*. Documento apresentado pelos alunos do Curso de Museologia da Unespar em Audiência Pública, 19 out. 2020.

SELLIGMANN-SILVA, Márcio. Sinopse do livro de Walter Benjamin traduzido pelo autor. *Sobre o conceito de história: edição crítica*. Disponível em: <https://www.travessa.com.br/sobre-o-conceito-de-historia-edicao-critica/artigo/17771941-3081-4496-aeaa-4e3e46e2bb53> Acesso em: 30 ago. 2022.

SELLIGMANN-SILVA, Márcio. *Antimonumentos e o desesquecer na nova arte de memória do Brasil*. Abr. 2017. Disponível em: <https://psicanalisedemocracia.com.br/2017/04/antimonumentos-e-a-arte-de-desesquecer-na-nova-arte-de-memoria-do-brasil-por-marcio-seligmann-silva/>. Acesso em: 30 ago. 2022.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ. *PPC do Curso de Bacharelado em Museologia*. Curitiba, PR, 2015.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ. *PPC do Curso de Bacharelado em Museologia*. Curitiba, PR, 2021. Disponível em: [chrome-extension://efaidnbnmnnibpcajpcglclefindmkaj/http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/aaa\\_2022/FEVEREIRO/PPC\\_museologia21.pdf](chrome-extension://efaidnbnmnnibpcajpcglclefindmkaj/http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/aaa_2022/FEVEREIRO/PPC_museologia21.pdf). Acesso em: 31 ago. 2022.

---

Data de recebimento: 01.09.2022

Data de aceite: 23.10.2022